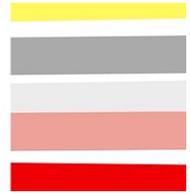


AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



A AUTORIA FEMININA NO *CADERNO DE SÁBADO* DO JORNAL *CORREIO DO POVO*

THE FEMININE AUTHORSHIP IN THE CADERNO DE SÁBADO *OF THE NEWSPAPER CORREIO DO POVO*

Profa. Ma. Margarete Varela Centeno Hülsendeger
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
margacenteno@gmail.com

Resumo: Preservar documentos que fazem parte de uma memória e, portanto, de uma herança cultural, permite pensar na pesquisa em jornais como uma forma de recuperar temas e personalidades de uma determinada época. Um desses espaços foi o *Caderno de Sábado*, suplemento do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Dentre seus colaboradores encontravam-se muitas mulheres que apesar de serem professoras e/ou escritoras não tinham um espaço regular para suas publicações. Portanto, neste artigo, pretende-se, além de resgatar um pouco da história do *Caderno de Sábado*, examinar a presença de textos escritos por mulheres, levando em conta a frequência e os temas abordados. O *corpus* de pesquisa ficou restrito ao ano de 1980. A partir de um mapeamento procurou-se chegar, não só no nome das mulheres que escreveram com mais frequência para o *Caderno de Sábado*, mas refletir nas possíveis causas que levaram algumas dessas mulheres a publicar mais que outras.

Palavras-chave: *Caderno de Sábado*; Mulheres; História; Literatura.

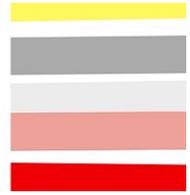
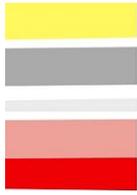
Abstract: Preserving documents that are part of a memory and, therefore, of a cultural heritage, allows us to think of newspaper research as a way to recover themes and personalities of a certain time. One of these spaces was the *Caderno de Sábado*, supplement of the newspaper *Correio do Povo*, in Porto Alegre. Among its collaborators were many women who, despite being teachers and/or writers, did not have a regular space for their publications. Therefore, in this article, it is intended, in addition to rescuing some of the history of the *Caderno de Sábado*, to examine the presence of texts written by women, taking into account the frequency and topics covered. The corpus of research was restricted to the year 1980. From a mapping, it was sought not only to name the women who wrote more frequently for the *Caderno de Sábado*, but to reflect on the possible causes that led some of these women to publish more than others.

Keywords: *Caderno de Sábado*; Women. History; Literature.

Na cena dos arquivos culturais movimentam-se, pois, forças que ora se atraem e ora se repelem, demarcando um espaço dinâmico percorrido por pulsões tanto ativadoras quanto inibidoras de processos criativos, de conhecimento, de negociações políticas, de horizontes éticos (MARQUES, 2015, p. 38).

Introdução

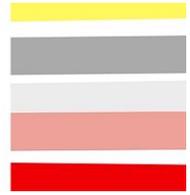
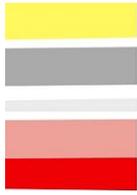
Os arquivos, durante muito tempo, foram vistos apenas como um depósito de “enunciados mortos, acumulados de maneira amorfa, como documentos do passado” (MIRANDA, 2003, p. 36); no entanto, atualmente eles são considerados um conjunto de



fragmentos que podem ter maior ou menor clareza dependendo da distância que nos separa dele. Por essa razão, além de não ser possível descrevê-lo em sua totalidade, é importante compreender que ao extrair a citação de um texto do passado, não só estamos trazendo-o para o presente, mas estamos infundindo “outra vida ao que foi citado” (MIRANDA, 2003, p. 38). Uma “vida” que permitirá a construção de uma ponte capaz de dificultar apagamentos, com um *corpus* apto a fornecer respostas mais convincentes à pergunta “do que é escrever entre nós” (MIRANDA, 2003, p. 39). Desse modo, os textos trazidos à luz nas pesquisas com arquivos produzem um novo espaço de significação, um lugar onde diferentes tipos de discurso poderão coexistir permitindo que se atinja um centro pleno de sentido (MIRANDA, 2003).

Em relação direta com o trabalho em arquivos está outro espaço, igualmente importante: o da “memória como modalidade de representação social” (MENESES, 1999, p. 12). Quando a memória é pensada como uma representação “viva” e atuante na sociedade, o que está em jogo é “a própria noção de passado e as relações com ele tecidas, em particular a do conhecimento e da representação intuitiva” (MENESES, 1999, p. 13). Contudo, no mundo ocidental a memória tem assumido um caráter problemático, devido à combinação de uma série de fatores: a evolução tecnológica dos meios de armazenamento de informação; o fato de ignorar-se que as estruturas perceptivas não são naturais, mas históricas e, portanto, socioculturalmente construídas; a ocorrência de diferentes níveis de apagamento gerando, muitas vezes, alienação; e, por fim, de que hoje, mais do que em qualquer outra época, a informação transformou-se em uma mercadoria, capaz de ser controlada, impedindo uma real democratização do conhecimento (MENESES, 1999).

Essas questões relacionadas à preservação de documentos que fazem parte de uma memória e, portanto, de uma herança cultural, permitem pensar na pesquisa em jornais como uma forma de recuperar não só temas, mas personalidades que em uma determinada época fizeram parte do contexto sociocultural de uma comunidade. Segundo Isabel Travancas, os jornais “são grandes empresas que produzem milhares de exemplares com uma estrutura organizacional planejada e na qual a redação é o ‘coração’” (TRAVANCAS, 2008, p. 300). Logo, ao funcionarem em sintonia com seu tempo, acabam tornando-se importantes espaços de conservação da memória cultural, um lugar onde será possível encontrar informações sobre hábitos, modas, personagens, assim como os assuntos que mobilizaram a sociedade.



Dentro da lógica jornalística, na qual a produção de notícia é uma imposição, surge a figura do “suplemento literário”, um espaço destinado (ao menos no Brasil) ao leitor de final de semana e, portanto, aquele que busca uma leitura mais relacionada com o prazer e o descanso. Um desses espaços foi o *Caderno de Sábado*, suplemento do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Durante 14 anos (1967-1981) ele foi “um instrumento de comunicação e de representação do seu tempo” (GOLIN, 2005, p. 135), apresentando textos que cobriam um amplo espectro de assuntos: resenhas literárias; artigos extensos sobre história, literatura e educação; matérias sobre diferentes formas de expressão artística, como teatro, pintura e música. Dentre seus vários colaboradores encontravam-se muitas mulheres: Lya Luft, Miriam Gomes de Freitas, Carmen Tindó Secco, Cecília Kamel Zago, Ligia Morrone Averbuk, Patrícia Bins, Maria de Araújo Carrion, entre outras. Mulheres que apesar de sua condição de professoras e/ou escritoras não tinham um espaço regular (uma coluna) para suas publicações, como muitos de seus colegas homens.

A partir dessas considerações, pretende-se, neste artigo, além de resgatar um pouco da história do *Caderno de Sábado* e da sua importância como arquivo, examinar a presença de textos escritos por mulheres, levando em conta a sua frequência e os temas abordados. Como o número de suplementos publicados nos seus 14 anos de existência é de mais de 600 exemplares, optou-se por restringir o *corpus* de pesquisa para apenas um ano, 1980¹. A escolha desse ano em particular não seguiu nenhum critério especial, tratando-se, na verdade, de uma seleção arbitrária dentro de um conjunto de documentos igualmente significativo. A partir de um mapeamento procurou-se chegar, não só no nome das mulheres que escreveram com mais frequência para o *Caderno de Sábado*, mas refletir nas possíveis razões que levaram algumas dessas mulheres a publicar mais que outras.

O *Correio do Povo* e o *Caderno de Sábado*

Em um texto comemorativo dos 110 anos² de fundação do *Correio do Povo* informa-se que, na capa da edição de número 1, o fundador, Francisco Antonio Vieira Caldas Júnior (1868-1913), declarou: “Este jornal vai ser feito para toda a massa, não para determinados

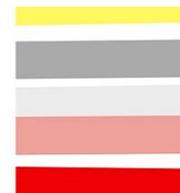
¹ Foram consultados os exemplares do *Caderno de Sábado*, arquivados no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural – da PUCRS, situado no 7º andar da Biblioteca Central Ir. José Otão (www.pucrs.br/delfos).

² *Origem e trajetória do Correio do Povo se entrelaçam com a história do Rio Grande*. *Correio do Povo*, 2 de outubro de 2005 (Correio Especial).

Disponível: < <http://www.cpovo.net/jornal/especiais/cpespecial/PDF/Fim08.pdf> >. Acesso em: 07 set. 2016.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



indivíduos”³. Em um Estado onde todos os jornais estavam ligados a alguma corrente política, religiosa ou filosófica, o objetivo anunciado por Caldas Junior não era algo que pudesse ser ignorado. Na época de sua fundação, 1º de outubro de 1895, já existiam dois jornais em circulação – o *Jornal do Comércio* (apoiador do Partido Liberal) e o *Deutsche Volksblatt* (editado em alemão e ligado à Igreja Católica) –, porém, apenas três anos depois o *Correio do Povo* já tinha em circulação 4,5 mil exemplares, levando o fundador a criar o seu mais famoso *slogan*: “O jornal de maior circulação e tiragem do Rio Grande do Sul”⁴.

O “róseo”, como ficou conhecido, por conta da cor de seu papel, ficaria sob a direção de Francisco Caldas Junior até 1913. A morte súbita de seu fundador colocaria o jornal em algumas dificuldades que só seriam plenamente superadas em 1935 quando um de seus filhos, Breno Alcaraz Caldas (1910-1989), assumiu a sua direção. Permanecendo no cargo por mais de 50 anos, ele seria o responsável pela liderança alcançada no Estado e pelo surgimento de três outros jornais: a *Folha da Tarde* (1936), vespertino inspirado em jornais argentinos, a *Folha Esportiva* (1949) e a *Folha da Manhã* (1969).

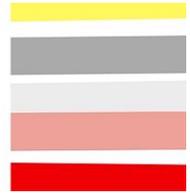
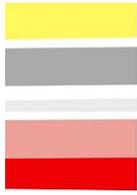
Entretanto, esses empreendimentos não seriam suficientes para aplacar a crise financeira que se instaurou nos anos 80, levando a suspensão do jornal em 16 de junho de 1984. O *Correio do Povo* só voltaria a ser publicado dois anos mais tarde, em 31 de agosto de 1986, quando foi adquirido pelo empresário e economista Renato Bastos Ribeiro. Um ano depois ele começaria a circular no formato tabloide com o intuito de baratear o seu custo, tornando-o mais acessível e, por consequência, ampliando a sua circulação. Nos anos 2000, foi lançado o *Caderno Vitrine*, um espaço destinado aos “assuntos femininos”, abordando temas como moda, arte, decoração e beleza⁵.

Estranhamente nessa matéria comemorativa dos 110 anos do *Correio do Povo* publicada em 2 de outubro de 2005, não há menção ao *Caderno de Sábado*, um dos suplementos culturais mais importantes e influentes do Estado durante seus 14 anos de existência. Conforme Assmann, esse “esquecimento” significa que os arquivos não são apenas espaços para “armazenamento de informação; são igualmente locais para lacunas de informação que não resgatam somente as perdas em catástrofes e em guerras, mas também resgatam, de maneira essencial e estruturalmente indispensável, uma ‘cassação equivocada,

³ Ibidem.

⁴ Ibidem.

⁵ *Origem e trajetória do Correio do Povo se entrelaçam com a história do Rio Grande*. Correio do Povo, 2 de outubro de 2005 (Correio Especial). Disponível: <<http://www.cpovo.net/jornal/especiais/cpespecial/PDF/Fim08.pdf>>. Acesso em 07 set. 2016.

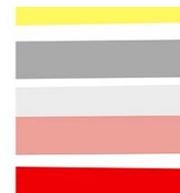


sob ponto de vista dos pósteros” (ASSMANN, 2011, p. 370). Essa “cassação equivocada” pode ter relação com o fato de no período de crise enfrentado pelo jornal, no início dos anos 80, um dos primeiros atingidos foi justamente o *Caderno de Sábado*, extinto em 1981, três anos antes do fechamento do jornal. Todavia, é importante ressaltar que o *Caderno de Sábado* foi (e continua sendo), apesar desse “acidental esquecimento”, um importante arquivo cuja leitura e interpretação pode oferecer uma ideia bastante clara sobre o que, em termos culturais, estava em pauta no cenário não só da capital, mas do Estado e do País. Um arquivo que tem o potencial de redesenhar as fronteiras de uma tradição esquecida, pois se mostra pleno de atualidade (MIRANDA, 2003).

Cida Golin explica que o *Caderno de Sábado* surgiu 10 anos depois do último número da revista *Província de São Pedro*, uma publicação que havia conquistado “prestígio entre a geração de intelectuais sulinos, abrigando, sob os cuidados do editor Moysés Vellinho, escritores e intelectuais como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Sérgio Buarque de Holanda, Nelson Werneck Sodré ou Antonio Candido” (GOLIN, 2005, p. 134). A pesquisadora também esclarece que, no contexto nacional, o *Caderno de Sábado* apareceu 10 anos depois dos influentes suplementos culturais d’*O Estado de São Paulo* e do *Jornal do Brasil*, os dois tendo iniciado suas atividades nos anos 1950, mas consolidando-se na década de 60, uma época memorável pela variedade de cadernos culturais e afins (GOLIN, 2005). Esse é um período no qual “o país vive um processo acelerado de urbanização, consolida sua indústria de bens culturais, justificando a convivência de suplementos culturais com a publicação diária da editoria de artes e cultura” (GOLIN, 2005, p. 134).

O nome do suplemento cultural segue a lógica do lazer, pois sendo criado para circular no sábado, pressupõe que seus editores estavam pensando em uma publicação que fornecesse informações sobre as mais diversas opções culturais: literatura, teatro, cinema, música, exposições de arte. Atividades que, ao menos no Brasil, eram normalmente reservadas para os finais de semana. Nesse sentido, pode-se dizer que um suplemento cultural, como o *Caderno de Sábado*, é “algo a mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, reflexivas, opinativas e críticas, que tentam motivar o leitor apressado dos dias de semana a preencher de maneira inteligente o lazer do *weekend*” (SANTIAGO, 2004, p. 162).

A própria estrutura organizacional do *Caderno* também remete a essa ideia de leitura “prazerosa”. A capa do primeiro número “abre com um elemento que se tornaria sua marca registrada: logotipo discreto e uma epígrafe no canto superior à esquerda, destacando algum

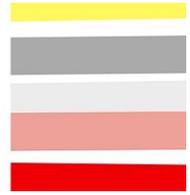
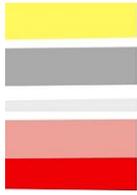


texto da edição” (GOLIN, 2005, p. 136). Em 1980, a capa continua trazendo, na mesma posição, uma epígrafe; além dela encontra-se, no centro da página, a imagem de uma pintura, escultura, gravura ou tapeçaria e abaixo (às vezes ao lado, conforme a diagramação) dessa imagem, um poema ou um pequeno texto chamando a atenção para uma exposição de arte, o lançamento de um livro ou ainda uma pequena biografia de um escritor ou artista plástico. A escolha da imagem se “dava quase que de forma aleatória, segundo as preferências dos editores e de seus colaboradores mais próximos. A preferência por gravuras e desenhos tinha uma motivação técnica: ficavam visualmente melhores ao serem impressas em papel jornal” (CARDOSO, 2016, p. 94).

Mesmo que a escolha da imagem fosse aleatória, como diz Cardoso, percebe-se, nesse arranjo de elementos gráficos e textuais, um movimento cujo propósito pode ter sido o de demonstrar aos leitores que manifestações artísticas diferentes não se excluem, mas se complementam. Além disso, ao contrário do que acontece hoje, as matérias do *Caderno* apresentavam as características de um típico jornalismo cultural: a complexidade do território e a coexistência de textos distintos, com ênfase para materiais analíticos (GOLIN, 2005). No ano analisado neste artigo alguns dos títulos ilustram bem essa característica: “Os educadores: agentes da reprodução social”, “Geometria Visual da Linguagem”, “A literatura infantil e a escola”, “A teoria literária, hoje”, “A educação feminina: história de uma discriminação”, entre outras.

Assim, enquanto na maioria dos jornais começava a ocorrer um gradual desaparecimento da crítica literária e sua substituição pelas resenhas e serviços com um perfil mais utilitário, no *Caderno de Sábado* observa-se um movimento no sentido oposto. Conforme Golin, não há “economia em relação à densidade interpretativa” (GOLIN, 2005, p. 137), podendo-se encontrar textos dos mais diferentes gêneros e estilos. Havia espaço para ensaios, para artigos com um formato mais acadêmico, para a poesia e até mesmo para a ficção, com um lugar dedicado especialmente a comentários sobre contos que já haviam ou seriam lidos (“Lugar do Conto”). De maneira que os jornalistas e intelectuais que com ele contribuíam reafirmavam o “espaço jornalístico como lugar de produção e não somente da visibilidade do produto literário (GOLIN, 2005, p. 139).

O prestígio alcançado pelo *Caderno de Sábado* refletia-se naqueles que nele publicavam e nos que nele eram citados, o que, muitas vezes, implicava disputas no meio



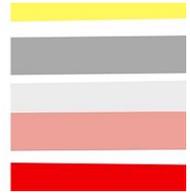
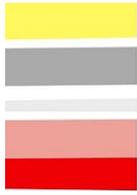
cultural local. As razões para essas disputas eram simples: o *Caderno* se constituiu em um espaço de

interação informativa entre as mais diversas áreas da atividade cultural. Passando pelos campos da arte (teatro, cinema, literatura, música, dança), prosseguindo pelas ciências sociais (sociologia, filosofia, antropologia), chegando a áreas como arquitetura, astronomia, geografia e história, o “Caderno de Sábado”, ao estabelecer uma relação de complexidade, interligando, num mesmo suplemento, áreas de conhecimento que aparentemente não se relacionavam, trouxe uma ampliação para o conceito de cultura (HOHLFELDT; VALES, 2008, p. 48).

Desde o seu início os editores do *Caderno de Sábado* foram o crítico de cinema e editor Paulo Fontoura Gastal (1922-1996) e o jornalista Oswaldo Goidanich (1917-1995). Segundo versão divulgada pelo próprio Goidanich, o “nascimento” do suplemento literário ocorreu dentro de um elevador, quando ele teria se encontrado com o jornalista Breno Caldas:

Eu sempre disse que o elevador era o melhor lugar para se resolver as coisas no Correio. Pois ali, o dr. Breno não tinha mais do que doze segundos para tomar uma decisão, era o tempo que se levava para ir do térreo ao primeiro andar ou vice e versa [*sic*]. E não deu outra. Mal acionei o botão para descer, ele se voltou para mim e anunciou: Goidanich, aquele suplemento de vocês começa a sair no sábado. – Que sábado? Perguntei eu perplexo. Estávamos numa quinta-feira, às onze horas da manhã, e eu tinha recém-terminado de fechar, na oficina, as duas páginas literárias. – Neste sábado. Fala com o Júlio Duarte e acerta tudo. Assim, sem mais nem menos. E abrindo ele mesmo a porta do elevador, completou: - Sábado, depois de amanhã... Eu nem desci. Voltei à redação como um foguete. Dei ao Gastal, estatelado, a boa nova. E, em menos de 24 horas, tivemos de fazer tudo. Partimos para a concepção editorial e gráfica do suplemento. Quanto ao nome a ser dado, preferimos o óbvio: “Caderno de Sábado” (DILLEMBURG, 1997, p. 135).

Goidanich e Gastal construíram redes de sociabilidade que acabaram se organizando em torno de suas figuras e de uma equipe fixa. Em 1980, eram presenças constantes o crítico e professor Guilhermino César (sempre na página 3), o jornalista e professor Antonio Hohlfeldt, o jornalista e escritor Paulo de Gouvea e o poeta Mario Quintana (sempre na página 2, “Do Caderno H”). Além do grupo fixo, havia também os colaboradores ocasionais, alguns mais frequentes que outros: Cyro Martins, Affonso Romano de Sant’Anna, José Hildebrando Dacanal, Tarso Fernando Genro, Moysés Vellinho, Sérgio Faraco, entre outros. Nesse grupo mais “informal”, cuja presença varia na frequência, também iremos encontrar as mulheres: Maria Dinorah, Sylvia Berdan, Ivette Brandalise, Maria da Conceição de Araújo Carrion, Patrícia Bins, Yolanda Jordão, entre outras.



Na trajetória do *Caderno de Sábado* visualiza-se, portanto, “um microcosmos cultural e literário, dimensões da vida urbana e suas relações de poder, pontilhando um sistema de referências comuns, espaço de conservação ou de subversão refratada” (GOLIN, 2005, p. 135). E é nesse espaço que algumas mulheres, entre elas professoras, escritoras, artistas plásticas e jornalistas deixaram a sua marca. Elas romperam um bloqueio que, durante muito tempo, as impediu de frequentar todas as páginas dos jornais, ignorando suas potencialidades de escrever sobre temas que iam além do colunismo social e das receitas culinárias.

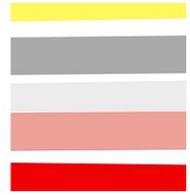
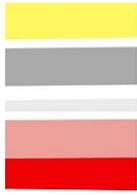
A participação feminina no *Caderno de Sábado*

Segundo relato do jornalista José Hamilton Ribeiro, em meados da década de 1930, no Brasil:

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homens. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer café: circulava na área de serviço (RIBEIRO, 1998, p. 31).

A situação mudaria de forma lenta. Em 1986, as mulheres já ocupavam 36% dos quadros profissionais do país e, 10 anos mais tarde, esse número chegaria a pouco mais de 40% (ROCHA, 2005). No *Caderno de Sábado*, além dos editores serem homens, os jornalistas e intelectuais que mantinham espaços fixos (colunas) também o eram. No entanto, desde o início, o *Caderno* contou com a colaboração de mulheres na elaboração de suas matérias. Em 15 de junho de 1968, por exemplo, seria publicada com destaque uma crônica de Clarice Lispector, intitulada “Ser cronista”⁶, na qual a escritora vai “tecendo fragmentos de crônicas, pensamentos, anotações, delineando personagens do cotidiano, trazendo as impressões do público para a coluna (melhor, para a conversa), citando leitores do Sul, de Santa Maria, de Bagé” (GOLIN, 2005, p. 138-139).

⁶ Essa crônica e todas as outras que seriam publicadas no *Caderno de Sábado* “se deve principalmente ao fato de ela, em 19 de agosto de 1967, ter iniciado a produção de uma coluna semanal para o *Jornal do Brasil*. Como o *Correio do Povo* era assinante da Agência JB, pertencente ao periódico carioca, os textos da escritora eram incluídos no pacote” (CARDOSO, 2016, p. 140).



No mapeamento realizado no ano de 1980 há um total de 46 mulheres⁷ com uma produção de 79 textos. Existem, no entanto, variações conforme a autora e até mesmo em relação ao mês (vide tabela e gráfico). Das 46 mulheres, 32 (69,56%) escreveram apenas um texto para o *Caderno*; enquanto sete (15,22%) contribuiriam com dois textos nesse ano. Os textos dessas 39 mulheres (85,63%) são sobre os mais variados temas: literatura, história, educação, teatro, artes plásticas. Entre essa esmagadora maioria encontram-se os nomes das professoras Vera Teixeira Aguiar, Tania Franco Carvalhal, Maria Amélia Mello e Zahide Muzart, e das escritoras Helena Parente Cunha, Zahyra Albuquerque Petry, Jane Tutikian e Maria Dinorah. Um grupo respeitável de mulheres, algumas atuando nas universidades como professoras, enquanto outras eram escritoras e/ou jornalistas.

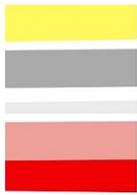
A esse grande grupo agregava-se outro, bem menor, constituído de mulheres que conseguiram publicar com uma maior frequência nesse ano. Esse grupo “especial” era formado também por nomes de peso em suas respectivas áreas de atuação: Carmen Lúcia Tindó Secco (oito textos), Cecília Kemel Zago (sete textos), Ana Hauser Brody (cinco textos), Ligia Morrone Averbuck (quatro textos), Hilda Agnes Hubner Flores (três textos), Patrícia Bins (três textos) e Maria da Conceição Araújo Carrion (três textos). E, como ocorreu com o grupo majoritário, esse constituído por apenas sete mulheres (15,22%) também encaminhou para publicação matérias sobre os mais diferentes temas.

Muitos dos textos chegavam sem serem pedidos, enquanto outros eram feitos sob encomenda para um determinado tema que o *Caderno* pretendia abordar. Patrícia Bins, por exemplo, começou a colaborar com o *Correio do Povo* enviando matérias sobre exposições e artistas relacionados a sua área de formação, artes plásticas. Essa colaboração iniciou em 1968, quando Breno Caldas, amigo de seu marido Roberto H. Bins, a apresentou ao editor do jornal P. F. Gastal que lhe propôs

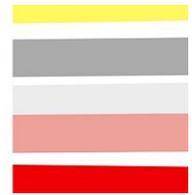
iniciar com pequenas crônicas semanais na página feminina editada por Lygia Nunes. Breno Caldas tinha sugerido que Patrícia escrevesse sobre “coisas de mulher”, como receitas, moda e filhos. No entanto, a autora queria divulgar cultura às suas leitoras, inclusive entrevistas com pessoas famosas no mundo das artes, além de um pouco de decoração, já que era formada em Belas Artes.⁸

⁷ Nesta pesquisa levou-se em conta apenas as mulheres “produtoras”, não incluindo aquelas que foram tema de entrevistas ou ensaios.

⁸ Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=bins>>. Acesso em 07 out 2016.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

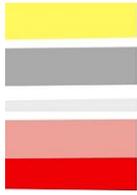


Em 1980 ela ainda era colaboradora do *Caderno de Sábado*, tendo publicado três matérias nesse ano, demonstrando que a sua presença era valorizada não apenas por seus laços de amizade com o dono do jornal, mas pela qualidade de seus textos que abordavam temas – “O importante é que a obra desperte reflexão” (11/10/1980) – e personalidades – “Pietrina Checcaci: entre as dez melhores da década” (06/09/1980) – do mundo das artes.

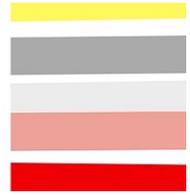
A grande “campeã” de publicações em 1980, no entanto, foi a carioca Carmen Lúcia Tindó Secco. Atualmente professora de Literaturas Africanas na UFRJ, em 1980 colaborou com oito artigos para o *Caderno de Sábado*, tornando-se a mulher com o maior número de matérias publicadas nesse ano. Na época ela ainda não havia iniciado seu doutorado (1987-1992), mas já era Mestra em Letras (1974-1976), com a dissertação intitulada “Morte e Prazer em João do Rio”. Os artigos que publicou nesse ano tinham os seguintes títulos: “O pan-americanismo: uma visão histórica” (12/01/1980), “A metáfora do jogo em Samuel Rawet” (19/01/1980), “O discurso da memória (ou o paradoxo) do ‘número um’” (16/02/1980), “Geometria visual da linguagem” (15/03/1980), “Contos de fada e inconsciente” (17/05/1980), “Os mecanismos do ‘poder e do prazer’ em ‘Kafka da cama’” (19/07/1980), “As metáforas nucleadoras de ‘Morte e vida Severina’” (25/10/1980) e “‘Vidas secas’ e ‘Morte e vida Severina’: uma leitura das semelhanças e diferenças” (01/11/1980).

A partir dos títulos dos artigos pode-se perceber que neles Carmen Secco tratava de diferentes temas, de resenhas até a análises literárias de clássicos da literatura brasileira. O assunto em que anos mais tarde se tornaria especialista, as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, não fazem parte desse *corpus* de oito artigos publicados no *Caderno de Sábado*, em 1980. No entanto, percebe-se que alguns de seus interesses já se fazem presentes como questões relacionadas com a memória e a história e sua conexão com a ficção brasileira.

Uma pergunta que pode ser feita é porque uma professora carioca teve, ao longo de um ano, mais oportunidades de publicação quando comparada com suas colegas gaúchas ou de outros estados. Obviamente não se pretende ignorar a qualidade das matérias escritas pela professora Secco, porém, a presença de redes de sociabilidade nos jornais e, consequentemente nos suplementos, também não pode ser descartada. Carmen Secco foi orientanda (no mestrado e doutorado) do professor e poeta Affonso Romano de Sant’Anna e, talvez, como ocorreu com Patrícia Bins, Sant’Anna também tenha indicado sua orientanda ao editor do *Caderno* ou a tenha, de algum modo, estimulado a encaminhar artigos para avaliação.



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



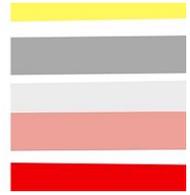
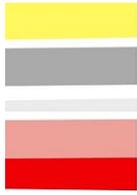
Essa especulação tem sentido se pensarmos que Sant'Anna, na época, era um intelectual importante na cena literária brasileira, conhecido por seu trabalho exemplar sobre Carlos Drummond de Andrade e por sua gestão, na década de 70, na Faculdade de Letras da PUC/RJ. Além disso, como jornalista trabalhava (ou trabalhou) nos principais jornais e revistas do país: *Jornal do Brasil*, *Senhor*, *Veja*, *Isto É* e *O Estado de São Paulo*. No ano em análise, 1980, ele publica seu livro de poesias *Que país é este?* e também encaminha para o *Caderno de Sábado* artigos de sua autoria. Diante de tal currículo é difícil imaginar que textos recomendados por ele seriam rejeitados por qualquer editor de jornal ou suplemento.

De qualquer maneira, independente dessas possíveis redes de sociabilidade, as mulheres “produtoras” do *Caderno de Sábado* conquistaram esse espaço por suas qualidades como pesquisadoras, escritoras e artistas, rompendo a resistência imposta pelos homens nas redações dos jornais. Conforme a jornalista Ivette Brandalise, outra colaboradora do *Caderno*, o machismo

dominava e todas as perspectivas profissionais pareciam interrompidas no mesmo ponto. Mulher, no jornalismo, tinha campo definido. E estreito. Estreito demais para nós, que ingressávamos no curso de Jornalismo sonhando horizontes mais amplos e uma contribuição real. Estreito demais para nós, que queríamos participar do momento histórico, acompanhando fatos, dissecando a realidade, vivendo a notícia de dentro (*Caderno de Sábado*, 15/11/1980, p. 11).

Essa estreiteza, a qual se refere Ivette Brandalise, foi continuamente testada por mulheres como Patrícia Bins e Carmen Lúcia Tindó Secco. A partir de colaborações inteligentes, tratando de temas atuais, muitas vezes, polêmicos, com estilos sóbrios e bem acabados, as mulheres demonstravam ter mais a oferecer além de matérias sobre moda, decoração e culinária. Nesse sentido, são representativos textos como o de Maria Conceição de Araújo Carrion – “A educação feminina: história de uma discriminação” (31/05/1980) e “A condição feminina: da opressão à resistência” (13/09/1980) –, que debatem justamente o papel desempenhado pela mulher na sociedade brasileira.

No mesmo texto de 15/11/1980, Ivette Brandalise conta que um professor, ao se referir a Raquel de Queiroz, teria dito que ela tinha “cabeça de homem”, por ter invadido o “mundo que na mentalidade da província, pertencia aos homens”. A essa declaração Brandalise teria dito, “Com cabeça de gente – respondi eu. Rachel totalmente à vontade diante da realidade, que nunca foi propriedade exclusiva de ninguém. Rachel assumida. Como mulher, como indivíduo”. A presença dessas 46 mulheres “produtoras” do *Caderno de Sábado*, no ano de



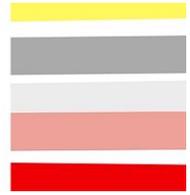
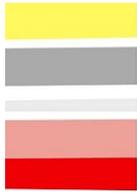
1980, apenas demonstra que “Raquéis”, com “cabeça de gente”, existiam em abundância, estando prontas para colaborar, em pé de igualdade, com os homens se lhes fosse dada oportunidade.

Considerações finais: *Caderno de Sábado*, um arquivo do seu tempo

Aleida Assmann explica que o arquivo como armazenador coletivo de conhecimentos tem três características fundamentais: conservação, seleção e acessibilidade (ASSMANN, 2011). A acessibilidade, segundo ela, define se estamos diante de uma instituição democrática ou repressiva, a seleção pressupõe uma escolha, muitas vezes, determinada por princípios de valorização que pode mudar conforme a época e a conservação está diretamente relacionada ao suporte deste arquivo (ASSMANN, 2011). Desse modo, quando se trabalha com arquivos deve-se estar preparado para escolher e, conseqüentemente, omitir informações dependendo do interesse do pesquisador. No caso do estudo aqui apresentado, o interesse recaiu sobre um suplemento cultural que primava pelo bom gosto “evidenciado pela qualidade que atribui aos seus temas, abordagens e colaboradores” (CARDOSO, 2016, p. 95). Além disso, ele procurava criar uma imagem de mediador entre as letras, humanidades e artes e o público leitor e de um incentivador do campo artístico, tanto de novos talentos como de possíveis debates (CARDOSO, 2016).

A pesquisa no *Caderno de Sábado* deparou-se com um *corpus* que, de alguma forma, reflete as características mais marcantes de uma época. Nele é possível encontrar um conteúdo dirigido a um leitor que se interessa por temas culturais diversos e por uma literatura, não apenas regional, mas também nacional e internacional. Segundo Cardoso, no conjunto de assuntos abordados pelo *Caderno* “percebe-se um ideal que remete à posse de um conjunto de saberes que está em uma esfera à parte do cotidiano, ou seja, trata-se de um conhecimento mais próximo das humanidades, artes e letras, e não de habilidades propriamente instrumentais” (CARDOSO, 2016, p. 97-98).

Entre os intelectuais que colaboram para o *Caderno* vamos encontrar mulheres que, em suas áreas de atuação, colaboraram com textos que tratavam de arte, história, literatura, crítica literária, educação e filosofia. Em 1980 foram 46 mulheres “produtoras” e 79 textos



publicados, uma marca que parece insignificante, quando comparada a dos homens⁹, mas se pensada na lógica de uma época que insistia em manter a mulher apartada desse universo masculino chamado jornal, é impressionante.

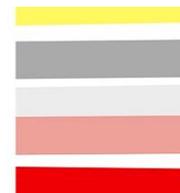
No *Caderno* abriu-se, inclusive, um espaço para que a mulher pudesse discutir sua condição de excluída. Nesse sentido, torna-se referência o texto de Maria Luiza de Armando, “A quase-ausente: o ‘machismo’ na literatura gaúcha”, publicado em duas partes (16 e 23 de fevereiro), no qual ela traça um painel da literatura gaúcha demonstrando a ausência (e a subalternidade) da mulher, não apenas como autora, mas também como tema e personagem nas obras da literatura rio-grandense. O mesmo fazem Maria da Conceição de Araújo Carrion, Escolástica Liria Soares Grangeiro e Ivette Brandalise, publicando textos que colocam a descoberto a situação da mulher na sociedade brasileira.

No entanto, seria ilusório pensar que o *Caderno de Sábado* conseguiu vencer todos os preconceitos e limites impostos à mulher. Não havia editoras, não havia colunas assinadas por mulheres e determinados temas ainda estavam vetados a elas: as edições especiais de 20 de setembro (Revolução Farroupilha) e 03 de outubro (Revolução de 1930) não contavam com nenhum texto escrito por mulheres, mesmo existindo historiadoras e/ou professoras capazes de escrever com competência sobre esses assuntos. Como disse Ivette Brandalise, “era preciso construir ou conquistar uma cabeça de gente para poder ser aceita e respeitada profissionalmente, independente do sexo” (*Caderno de Sábado*, 15/11/1980, p. 11).

De qualquer maneira, também não se pode ignorar o papel do *Caderno de Sábado* como um divulgador de cultura qualificado que conquistou no contexto nacional prestígio e reconhecimento. Fazer parte dos colaboradores, mesmo que esporadicamente, era um reconhecimento do valor dos autores que nele publicavam. Conforme o jornalista e editor P. F. Gastal, o *Caderno de Sábado* “foi uma experiência única, que além de publicar contistas, poetas, historiadores, ensaístas e por aí afora, trazia, toda semana, na capa, uma obra de artista plástico gaúcho, servindo para divulgar e lançar muita gente” (GASTAL, 1996, p. 254).

Uma experiência da qual participaram muitas mulheres, não apenas as mencionadas neste texto, que por suas qualidades conquistaram um lugar no qual puderam difundir suas ideias e estudos, constituindo-se em um grupo diferenciado dentro de um universo predominantemente masculino. Alguns desses nomes ainda permanecem vivos na memória

⁹ No mesmo ano Guilhermino Cesar publicou 48 textos, Antonio Hohlfeldt 24 e Paulo de Gouvêa 40 (CARDOSO, 2016).

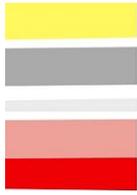


cultural, enquanto outros caíram quase que completamente no esquecimento. Desse modo, o trabalho com arquivos acaba tornando-se uma luta entre o que em determinada época foi considerado importante e o que em outra é visto como supérfluo e sem significância.

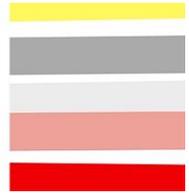
O *Caderno de Sábado*, desde o seu primeiro ano, teve um percurso no qual foi possível perceber a “circulação das tradições crítico-teóricas e uma legitimação de gêneros culturais como a poesia em diálogo assíduo com as artes visuais” (GOLIN, 2005, p. 141). Quando ele encerra suas atividades em 10 de janeiro de 1981 a imprensa cultural brasileira está passando por mudanças significativas: literatos e intelectuais acadêmicos deixam de ter uma participação mais ativa, para dar lugar a um espaço publicitário rentável que “forneceu elementos para a identificação da classe média com a estética pós-modernista, ou seja, cultura alta e baixa, Shakespeare e Xuxa” (GOLIN, 2005, p. 135). Nesse sentido, talvez esteja aí a função do pesquisador que trabalha com arquivos, em especial com jornais e suplementos culturais, demonstrar que existiu uma época onde era possível ocupar o tempo dedicado ao lazer com uma leitura inteligente, associando reflexão ao descanso. Uma época na qual o leitor conseguia criar vínculos de afeto que lhe permitiam identificar autores e autoras nos textos “degustados” durante as manhãs e tardes de sábado e domingo.

Referências

- ASSMANN, Aleida. *Espaço de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- CARDOSO, Everton. *O suplemento cultural como rede de relações: os intelectuais no Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1981)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2016.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Correio do Povo: histórias e memórias*. EDIUPF: Passo Fundo, 1997.
- GASTAL, Ney. Uma vida em três amores. In: GASTAL, P. F. *Cadernos de cinema de P. F. Gastal*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996. p. 251-266.
- GOLIN, Cida. Histórias do jornalismo cultural: o primeiro ano do Caderno de Sábado. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. v. III, nº 2, 2005.
- HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. *Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul : Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- MARQUES, Reinaldo. *Arquivos culturais: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: UFGM, 2015.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: UNESP, FAPESP, 1999.



AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



MIRANDA, Wander de Melo. Arquivo e memória cultural. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander de Melo. *Arquivos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 35-42.

RIBEIRO, José Hamilton. *Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, Paula Melani. A profissionalização no jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no Estado de São Paulo. *Revista Jurídica Eletrônica*, UNICOC, nº 02, outubro de 2005.

SANTIAGO, Silviano. A crítica no jornal. In: SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e história cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 157-167.

TRAVANCAS, Isabel. O livro no jornal – suplementos culturais franceses e brasileiros da década de 1990. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 299-324.

Recebido em: 6 de abril de 2018.
Aprovado em: 30 de junho de 2018.